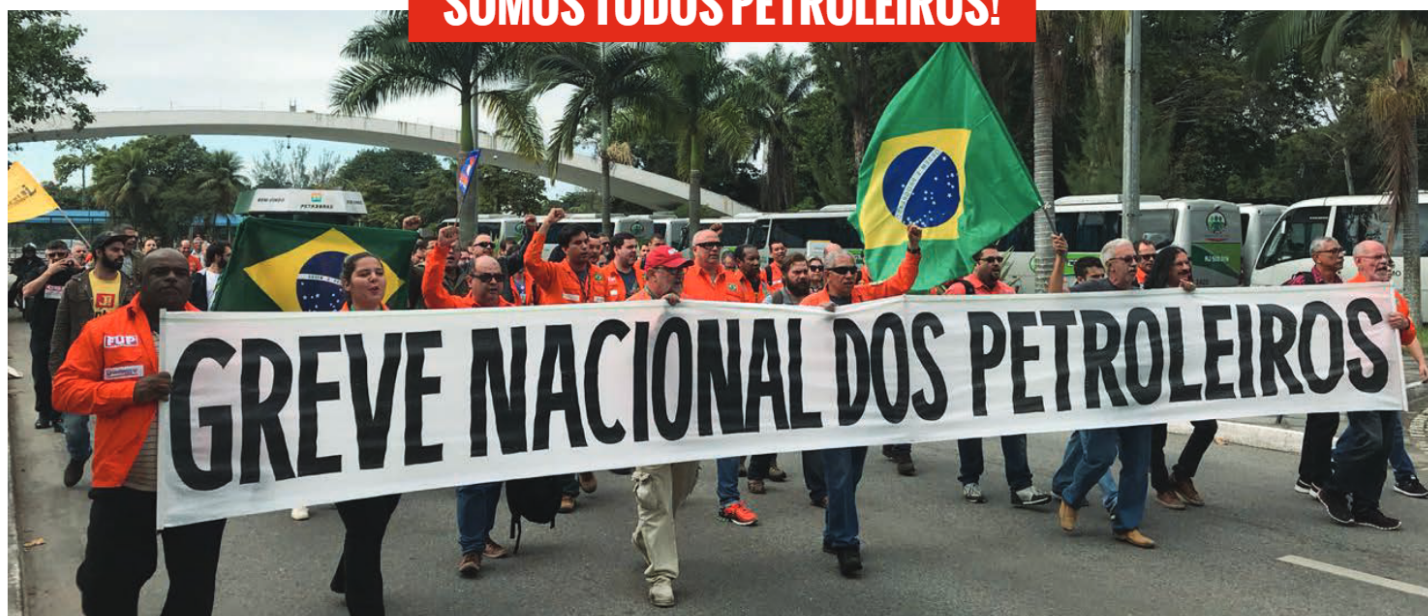
Nº584
De 13 de fevereiro a 5 de março de 2020
Ano 23

R$2 (11) 9.4101-1917 PSTU Nacional www.pstu.org.br @pstu Portal do PSTU @pstu_oficial

LIT-QI
Liga Internacional dos Trabalhadores Quarta Internacional

DERROTAR BOLSONARO-MOURÃO, JÁ!

BOLSONARO ENTREGA PETROBRAS E VOCÊ PAGA COMBUSTÍVEL E GÁS MAIS CAROS

SOMOS TODOS PETROLEIROS!

NÃO À PRIVATIZAÇÃO!

PETROBRAS 100% ESTATAL, SOB CONTROLE DOS TRABALHADORES

Parasita é o Paulo Guedes!

Ministro da Economia chama funcionalismo de "parasita", mas é um pilantra envolvido em várias tramoias

PÁGINA 15

Bolsonaro quer liberar mineração em Terras Indígenas

Se for aprovado projeto vai resultar em um novo genocídio indígena

PÁGINA 5

Chuva, morte e poluição

Não é desastre natural, é capitalismo

PÁGINA 4

CHARGE

Falou Besteira

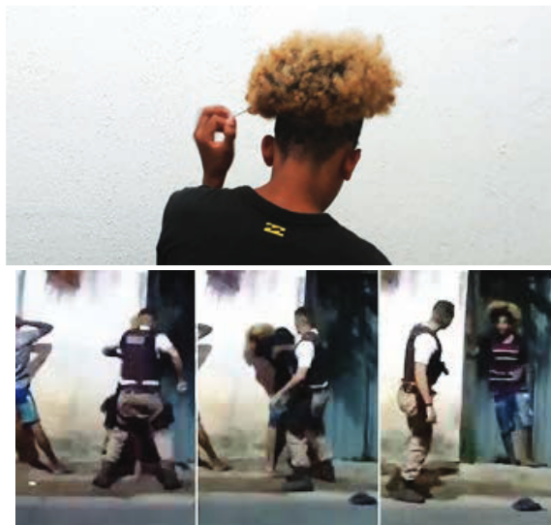
“a pessoa com HIV na despesa para os aqui no Brasil”

JAIR BOLSONARO, em entrevista coletiva

LANÇAMENTO
SAULO COSTA ARCANGELI
CAJUEIRO
A LUTA DE UMA COMUNIDADE PELO DIREITO DE EXISTIR
R$30
sundermann
www.editorasundermann.com.br

MP da Grilagem

O governo Bolsonaro editou a Medida Provisória 910, conhecida como a MP da Grilagem. A medida pretende aumentar a área de regularização fundiária (para mais de 2,5 mil hectares) e tomar por base as informações prestadas pelos proprietários com base na autodeclaração no Cadastro Ambiental Rural especificamente, sem vistoria prévia em campo nem checagem posterior. É o sinal verde para que a jagunçada avance sobre as terras públicas da Amazônia. Uma nota técnica da Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão estima que o roubo dessas terras significará a perda de receita de curto prazo calculada entre US$ 5 e US$ 8 bilhões para 8,6 milhões de hectares. Já a perda futura de receita variou de US$ 16,7 a US$ 23,8 bilhões para 19,6 milhões de hectares. Entre 1,1 e 1,6 milhão de hectares correria o risco de ser desmatado até 2027, o que poderia emitir 4,5 a 6,5 megatoneladas de gás carbono.

Agressão racista

A imagem é de um jovem negro apanhando de um policial militar que também o insulta com frases racistas: *“Você pra mim é um ladrão. Você é vagabundo! Essa desgraça desse cabelo. Tire aí [o chapéu], vá! Essa desgraça aqui. Você é o quê? Você é trabalhador é, viado?”*. O vídeo repercutiu na internet e em toda imprensa. Após a agressão, o adolescente disse ter medo de sair de casa e que *“ele [o PM] descontе tudo isso em mim”* em razão da repercussão do vídeo. O governador Rui Costa (PT) classificou a ação do policial como “fato isolado”. De isolado, esse fato não tem nada. O mínimo que o governador petista pode fazer é punir os agressores. Contudo, esse tipo de ação é prática corriqueira. No a dia a dia, jovens negros e moradores da periferia, sofrem com abordagens violentas e humilhantes. A polícia baiana é uma das mais violentas do país. Há cinco anos, ocorria a chacina do Cabula, na qual 12 jovens negros e pobres foram assassinados por policiais militares. Até hoje o caso segue sem solução.

Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.
CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Jorge H. Mendoza

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA
WhatsApp
Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta
(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000

NOSSAS SEDES

Defender a Petrobras e derrotar Bolsonaro-Mourão já!

Quando fechávamos esta edição, os petroleiros entravam no 12º dia de greve contra as demissões, a privatização e o desmantelamento da Petrobras pelo governo Bolsonaro.

Esta que é uma das greves mais importantes do país quase não é noticiada pela mídia. Enquanto a maioria da população é contra as privatizações, no mundinho dos ricos e poderosos quase todos são a favor, de Bolsonaro até toda a grande imprensa (incluindo governadores da oposição que disputam dinheiro da entrega do pré-sal). Por isso é fundamental cercar essa greve de solidariedade e defender a Petrobras 100% estatal sob controle dos funcionários.

Talvez a maior fake news do século seja a lenda de que Bolsonaro é um governo nacionalista. É um governo totalmente antinacional. Comporta-se como governo de uma colônia dos EUA. Lacaio de Trump, em meio à maior crise e decadência mundial do sistema capitalista, promove a rapina e a entrega do país; trava uma guerra social contra os trabalhadores e o povo pobre; promove uma tremenda devastação ambiental; incentiva o genocídio negro e indígena, o obscurantismo, o preconceito, a perseguição à cultura, à educação e à ciência; ameaça as liberdades democráticas e enaltece a ditadura militar.

Toda reivindicação séria de trabalhadores, desempregados, juventude e povo pobre se choca com o governo e com seu projeto autoritário, predatório e de barbárie, de superexploração e entrega.

Na virada do ano, a liberação de uma grana do FGTS, combinada com a propaganda de que o país começaria a crescer e o desemprego a diminuir, e o clima de Natal e ano novo podem ter alentado a ilusão ou a esperança de alguns setores. Porém as chuvas que assolaram Minas, São Paulo e devem migrar para o Rio estão mostrando a decadência desse sistema e a irresponsabilidade dos governos.

Junto com as chuvas, continua o plano de ajuste e de terra arrasada do governo Bolsonaro-Guedes. Desmembram e vendem a Petrobras e engatilham para o final de março a votação da MP 905, que acaba com o que resta de direitos trabalhistas.

O ministro da Economia, Paulo Guedes, chamou os servidores públicos de parasitas. Agora diz que empregada doméstica viajava à Disney antes da alta do dólar. Guedes é um banqueiro que enriqueceu com fraudes em fundos de pensão. Ele quer acabar com a estabilidade do funcionalismo, reduzir salários e privatizar tudo o que hoje é público. É só olhar para as filas do INSS para ver aonde esse amante do modelo chileno liberal-pinochetista quer levar o país.

Contudo, começou também, antes mesmo do Carnaval, um processo importante de lutas e greves: petroleiros, servidores públicos, funcionários dos Correios etc. O carnaval vai colocar a oposição popular a esse governo e seus ministros nas ruas. O 8 de Março, pode ser um pontapé num processo de unificação das lutas, que recoloque a necessidade da greve geral.

Nesse sentido, é necessária a mais ampla unidade para lutar e, na luta, debater um programa que defenda de fato: o emprego, a moradia, a educação, a saúde, os serviços públicos, a reforma agrária, as terras indígenas e quilombolas; o meio ambiente, o fim da violência e do preconceito contra pobres, desempregados, negros, indígenas, mulheres, LGBTs; a soberania nacional e a Petrobras 100% estatal; as liberdades democráticas (direito de greve, opinião, manifestação, organização etc.).

A oposição parlamentar e institucional – PT, PCdoB – que governa alguns estados e municípios não tem como prioridade derrotar Bolsonaro-Mourão já. Aplicam em seus governos o mesmo ajuste que o governo federal. Priorizam a atuação no parlamento e a formação de frentes amplas de colaboração de classes para as eleições. Sem falar no Solidariedade, do Paulinho da Força, e nos demais partidos burgueses de oposição. Isso limita a ação dos sindicatos e das centrais que influenciam.

É necessário defender e exigir a mais ampla unidade para lutar e para derrotar Bolsonaro e seu projeto já!

Nas eleições, a tarefa é apresentar um projeto de classe e socialista e não uma frente ampla de colaboração de classes como fez o PT, que nos trouxe aonde estamos agora, ou alternativas da direita tradicional, como Huck, Doria ou Maia.

É preciso defender uma alternativa socialista que faça o 1% dos ricos pagarem pela crise e não os pobres como é hoje. Que pare de pagar a falsa dívida pública aos banqueiros em vez de cortar verbas da saúde, educação, saneamento e aposentadorias. Que acabe com as isenções às grandes empresas, cobre impostos dos ricos e garanta um plano de obras públicos que gere empregos. Que reestatize e nacionalize as empresas privatizadas para impedir desastres como o da Vale. Que revogue a reforma da Previdência e a trabalhista e defenda o meio ambiente. Que confisque os bens de todos os corruptos e corruptores. Um governo socialista, que governe por meio da mobilização e de conselhos populares, e não um governo que atue a favor do lucro de um punhado de bilionários capitalistas.

CHUVAS

Enchentes, poluição, mortes e destruição: a culpa é dos governos

Todos os anos, as chuvas de verão fazem parte da realidade que ano após ano provoca tragédias país afora. Todos sabem, e os governos mais ainda. Estes, no entanto, nada fazem para combater os efeitos das chuvas.

DA REDAÇÃO

MINAS GERAIS: Tragédia mais do que anunciada

Mais uma vez, os trabalhadores e suas famílias são vítimas não das chuvas, mas da falta de ação criminosa dos governantes que fecham os olhos diante das catástrofes iminentes. As fortes chuvas de verão que atingem Minas Gerais e o Espírito Santo deixaram mais de 55 mortos e dezenas de desaparecidos. Cerca de 50 mil pessoas estão desabrigadas, ficaram feridas e perderam moradias e móveis duramente conquistados com o suor de seu trabalho.

É verdade que os índices pluviométricos são os maiores da história, como atestam tanto os centros de previsão climática quanto o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Esses dados, porém, são informados de forma exaustiva pelas prefeituras e pelo governador do estado, Romeu Zema (Novo), soando como desculpa esfarrapada diante da total falta de ações de prevenção.

Toda essa tragédia podia ser evitada se fossem tomadas medidas concretas. Os cortes dos governos, a começar pelo governo federal de Jair Bolsonaro, são criminosos. Segundo dados do próprio governo, os recursos destinados para amenizar os problemas ambientas caíram de forma brutal. Em 2019, foi usado apenas um terço do que estava previsto no orçamento para evitar tragédias – de um valor que já é muito baixo. Em Minas, o governo do estado fez o mesmo. Romeu Zema chegou a culpar quem morreu por não sair das áreas de risco.

Os mais pobres moram nos morros da capital e na beira dos rios porque não tem condições de comprar uma casa em um local seguro. Pelo país, milhões de pessoas moram nesses aglomerados urbanos, em morros, encostas, beira de córregos – áreas menos valorizadas pela especulação imobiliária. Áreas também abandonadas pelos governos que não garantem planejamento urbano, condições de moradia dignas e serviços públicos de qualidade.

SÃO PAULO: Caos é culpa dos governos

Milhões de trabalhadores e estudantes se depararam na manhã de 10 de fevereiro com um caos ainda maior do que enfrentam todos os dias na capital paulista. A forte chuva que caiu na madrugada e continuou durante o dia inundou bairros inteiros, fez transbordar os rios Tietê e Pinheiros, alagando as principais vias da cidade, e provocou deslizamentos e desabamentos em morros e encostas.

O governo do estado, por sua vez, deixou de usar 40% da verba para prevenção de enchentes em 2019. Juntos, prefeitura e estado gastaram só um terço da verba de combate a enchentes entre 2017 e 2018. Pelo menos 17 grandes obras de drenagem estão se arrastando por vários anos e gestões.

De Dubai, nos Emirados Árabes, o governador João Doria (PSDB) disse à população que não saísse de casa. Doria e Bolsonaro, porém, governam para os ricos e os banqueiros, e preferem pagar a dívida, privatizar o que resta dos serviços públicos, aplicar ajuste fiscal e atacar direitos a investir em serviços para o conjunto da população.

RIO DE JANEIRO: Desmonte da Cedae obriga população a beber água suja

No Rio de Janeiro, moradores da Zona Norte e Oeste passaram a ter fornecimento de água com cor, sabor e cheiro de terra ou esgoto. O mesmo aconteceu com seis municípios da Baixada Fluminense.

Unidades de saúde da Zona Oeste constataram o dobro de casos de gastroenterite (vômitos, diarreia e febre), muitas vezes envolvendo famílias inteiras. Todas tinham um relato em comum: ingestão da água alterada, mesmo quando filtrada. Apesar desses indícios, nada foi feito, e a Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro (Cedae) declarou que a água podia ser consumida.

É bem óbvio que a água ficou assim em razão da poluição proveniente geralmente do esgoto não tratado. O rio Guandu, principal rio que abastece quase 10 milhões de pessoas que vivem nos municípios do Rio de Janeiro e na Baixada, é abastecido por outros rios extremamente poluídos. Eles drenam as águas da Baixada e recebem todo tipo de esgoto, industrial e doméstico. São centenas de indústrias que não são responsabilizadas por jogar esgoto e resíduos não tratados diretamente nos rios ou na Baía de Guanabara.

A piora na qualidade da água também é resultado do desmonte da Cedae. Em 2019, foram demitidos mais de 50 funcionários. Alguns deles eram engenheiros com mais de 40 anos de casa. A falta de concurso público diminuiu de forma significativa o quadro de funcionários.

O governo Witzel está preparando a privatização da Cedae. Isso vai colocar a população do Rio de Janeiro na penúria e vai piorar o saneamento básico. A água é vida e não pode ser privatizada. Colocar a água na mão de empresas privadas que só pensam no lucro imediato vai preparar novas tragédias. Vai piorar a qualidade da água, torná-la mais cara, afetar o abastecimento e causar mais poluição.

POVOS DA FLORESTA

Liberar mineração em terras indígenas é preparar um novo ciclo de genocídio

JEFERSON CHOMA
DA REDAÇÃO

Bolsonaro encaminhou para o Congresso Nacional um Projeto de Lei que pretende liberar a mineração e a exploração de gás e petróleo em terras indígenas. Prevê também que esses territórios sejam autorizados para turismo, agricultura, pecuária e extrativismo florestal e libera o uso de sementes geneticamente modificadas, os transgênicos, o que é proibido por lei federal desde 2007.

Há décadas as terras indígenas são cobiçadas pelas mineradoras e por fazendeiros. Até o momento, existem 4.777 processos para exploração em território indígena na Amazônia Legal. Só no Pará, foram registrados 2.357 títulos minerários concedidos pelo poder público, abrangendo desde autorizações de pesquisa até concessões de lavra.

No lançamento do projeto, Bolsonaro aproveitou para ameaçar os defensores da floresta e do meio ambiente dizendo: *"Se um dia eu puder, eu confino-os na Amazônia, já que eles gostam tanto do meio ambiente"*.

GENOCÍDIO EM CURSO

Bolsonaro diz que os "indígenas têm o direito de desfrutar da mineração" e que "cada vez mais o índio é um ser humano igual a nós". Para ele o índio é destituído de humanidade e só a sua plena "integração" à sociedade capitalista poderá elevá-lo ao status de "humano".

A tal da "integração", slogan da ditadura repetido por Bolsonaro, é uma forma de liquidar para sempre as comunidades indígenas. Significa a destruição da sua cultura e a permissão para que suas terras sejam destruídas e exploradas por grandes capitalistas. Significa morte, doenças e também um golpe mortal contra a floresta e a biodiversidade. Por isso, os índios não querem a mineração em seu território.

ATAQUES À FUNAI

Ao mesmo tempo em que tenta abrir as terras indígenas para a mineração, o governo ataca a Funai, órgão que pela lei deveria defender os indígenas. Chegou até a nomear o ex-missionário evangélico, Ricardo Lopes Dias, como coordenador de indígenas isolados. Esse cargo foi criado para proteger esses povos sem forçar nenhum tipo de contato, não só de garimpeiros, mas também de missionário que levam doenças e destroem a cultura dessas populações. Na mesma semana, o Ministério da Justiça determinou que a Funai cortasse a ajuda a comunidades indígenas que vivem em áreas não demarcadas, gerando fome no Mato Grosso do Sul, como entre os guarani-kaiowá.

Desde que tomou posse, Bolsonaro fez discursos encorajando garimpeiros, madeireiros, grileiros e pecuaristas a explorarem os recursos das áreas indígenas. Por isso, só no ano passado, houve mais de 160 casos de invasão a terras indígenas e lideranças foram assassinadas. O governo não faz nada para impedir, e os pistoleiros ficam na impunidade.

RACISMO REVELADO

Brasil: uma colônia de Trump

Bolsonaro diz que as terras indígenas atrapalham o desenvolvimento. Papo furado. Seu projeto é transformar o país numa colônia dos Estados Unidos. Por isso, disse que quer abrir a Amazônia para exploração pelos Estados Unidos. Abrir as terras indígenas à mineração é consequência direta da *semirreprimarização* da economia brasileira. Ao mesmo tempo em que o Brasil enfrentou um processo parcial de desindustrialização nas últimas décadas, tornou-se um grande produtor de matérias-primas para o mercado externo. Com Bolsonaro, esse projeto de recolonização se aprofunda. Bolsonaro quer invadir as terras indígenas para entregá-las a Donald Trump.

A QUEDA DO CÉU

Consequências serão sentidas por todos

Na cosmologia Yanomami, durante os primeiros tempos, o céu havia caído quando estava ainda frágil. Naqueles tempos, morava na terra uma humanidade que foi precipitada no mundo subterrâneo, onde se transformou num povo de monstros canibais. Mas a humanidade ressurgiu e, desde então, os xamãs, com suas rezas e danças, seguram o céu para que ele não desabe e condene a humanidade a uma nova catástrofe.

O mito Yanomami ilustra a tragédia que paira sobre todos. Rios envenenados, toneladas de agrotóxicos nos alimentos, poluição do ar, degradação do solo, óleo nos oceanos, destruição das florestas, barragens de rejeitos de minério rompendo, eliminação de ecossistemas e mudanças climáticas.

O PL de Bolsonaro terá impactos desastrosos sobre o meio ambiente. Sabe-se hoje que as terras indígenas servem como obstáculos ao desmatamento. Estima-se que a Amazônia tenha perdido pelo menos 20% de sua cobertura vegetal nas últimas três décadas. Os cientistas alertam que estamos aproximando-nos de um ponto a partir do qual a floresta tropical pode passar por mudanças irreversíveis.

Parte das chuvas do Sul e do Sudeste, onde se concentram as maiores metrópoles do país, vêm da floresta tropical amazônica. Sua devastação mudaria o ciclo de chuvas de forma radical, provocando secas e doenças nessas regiões. O céu desabaria não só sobre os indígenas, mas sobre todos nós. Afinal, estamos todos debaixo do mesmo céu.

Mãe e filho yanomamis.

Educação em estado de calamidade: fora Weintraub!

JÚLIO ANSELMO, DO REBELDIA, JUVENTUDE DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

A realização do Enem, ao contrário do que disse o ministro da Educação, Abraham Weintraub, foi uma catástrofe e prejudicou o ingresso de milhões de jovens nas universidades públicas. Esse descaso todo é apenas o retrato do que o governo faz com os sonhos, esperanças e expectativas da juventude.

Se existe um acordo no país hoje, é quanto à incapacidade deste ministro. Não se trata apenas de trapalhadas do governo ou de não saberem o que fazem. Na verdade, este é o projeto do governo Bolsonaro para a educação: intromissão ideológica conservadora, destruição de tudo que é público e privatização.

ENEM: UM FILTRO SOCIAL E RACIAL

Os jovens estão colocados no subemprego se virando como podem e tentando terminar os estudos. Depois do desgaste de fazer uma prova cansativa, passam pelo estresse de acessar o Sisu (Sistema de Seleção Unificada), que não carrega nunca, deparam-se com erros grotescos e ainda por cima ficam no escuro, tendo que confiar num governo dos ricos nada confiável. Temos que exigir transparência sobre todos os erros que o ministério cometeu, auditoria de tudo, principalmente da gráfica contratada sem licitação.

O principal problema continua sendo a própria existência desta prova, que é um grande vestibular unificado e funciona como uma barreira social e racial que garante a perpetuação da universidade como um espaço branco e elitista. As cotas raciais são uma grande vitória do povo negro e do movimento estudantil. Devem ser defendidas e ampliadas, e as fraudes, combatidas com os critérios do movimento negro para fortalecer esse mecanismo. Porém essa luta deve estar combinada com o fim de qualquer filtro para o acesso ao ensino superior.

NÃO AO RETROCESSO

Não à intromissão conservadora de Bolsonaro, militares, igrejas e empresários

O que o ministro quis elogiar em termos de formulação do Enem quer dizer, na verdade, censura prévia às questões que tratassem de qualquer tema que o governo considerasse "de esquerda". Trata-se de uma defesa do obscurantismo e do anticientificismo que já é marca do MEC.

Cinicamente, apresenta a militarização das escolas como solução. O que o controle de policiais militares e Forças Armadas garante é repressão, opressão e cerceamento da pluralidade de ideias e comportamentos.

POR ESCOLAS E UNIVERSIDADES SOB CONTROLE DE TRABALHADORES E ESTUDANTES

Não há e nunca houve educação de qualidade no país, a não ser para os filhos dos ricos. Isso é o reflexo de séculos de um capitalismo dependente das grandes potências estrangeiras. Essa é a marca do Brasil, e a educação brasileira está inserida nesse contexto, de um país forjado na violência e no embrutecimento, no qual a burguesia, de tão covarde, autoritária e submissa ao imperialismo, não garantiu nem sequer um projeto educacional digno para o povo. Todos os governos são responsáveis por essa situação, inclusive os do PT.

Ou destruímos o capitalismo, colocamos as escolas e as universidades a serviço dos trabalhadores, sob controle dos trabalhadores e dos estudantes, ou não teremos educação digna nunca. Querem uma educação que atenda aos interesses do mercado capitalista e não à formação de seres humanos plenos. Para defender a educação pública digna é preciso defender uma educação socialista num Brasil socialista. Só assim poderemos não só melhorar a qualidade, como também colocar a educação a serviço do desenvolvimento do país e dos trabalhadores, e não das empresas e dos lucros.

EDUCAÇÃO NÃO É MERCADORIA

Perdão às dívidas dos estudantes e não aos cortes no Fies e no ProUni

Contra o aumento das mensalidades: estatizar as universidades privadas mantendo as atuais matrículas.

As faculdades privadas detêm hoje 75% das matrículas do ensino superior. A maior parte da juventude, fundamentalmente a juventude trabalhadora, continua endividando-se com o Fies. O ProUni e o Fies foram programas que colocaram muitos jovens na universidade à custa da proliferação das faculdades privadas. Enriqueceram muitos grupos capitalistas que lucram vendendo a educação. Até empresas internacionais atuam aqui no Brasil, como a Laureate.

Mesmo diante disso, o governo Bolsonaro nem pensa em ampliar o acesso ao ensino superior ou em perdoar as dívidas com o Fies. Pelo contrário, propõe reduzir o Fies e deixar os estudantes com cada vez menos. Junto com o perdão da dívida, é preciso a nacionalização e estatização das faculdades privadas garantindo a matrícula dos estudantes. Além disso, é preciso parar a transferência de recursos para os grandes capitalistas da educação.

SOMOS TODOS PETROLEIROS

Vamos cercar de solidariedade a greve da Petrobras

DA REDAÇÃO

Enquanto fechávamos esta edição, a greve dos petroleiros já tinha a adesão de 108 unidades de todo o sistema Petrobras, em 13 estados e crescendo a cada. Esta já é a greve mais forte do setor dos últimos anos. Pela primeira vez, plataformas responsáveis pela extração do pré-sal pararam.

Deflagrada no dia 1º de fevereiro, a greve teve como estopim o anúncio do fechamento da Fafen (Fábrica de Fertilizantes Nitrogenados do Paraná), em Araucária (PR), com a demissão de mil trabalhadores, parte do plano do governo Bolsonaro de desmonte e privatização da estatal.

Os petroleiros também são contra a política de preços do governo, que cobra o valor do petróleo cotado no mercado internacional, em dólar (leia mais nas páginas seguintes). A greve também se insurge contra o descumprimento do Acordo Coletivo de Trabalho firmado entre a categoria e a direção da empresa em 2019.

Apesar do boicote da grande imprensa, a greve tem angariado o apoio ativo de diversas categorias e da própria população.

ATAQUE AO DIREITO DE GREVE

No dia 6, o Tribunal Superior do Trabalho (TST) declarou a greve abusiva, bloqueou as contas dos sindicatos mobilizados e autorizou a direção da estatal a contratar trabalhadores temporários para cobrir os grevistas. Enquanto fechávamos essa edição, o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Dias Toffoli, manteve essa decisão autoritária a favor do governo.

RAIO-X DA GREVE

- **108 unidades paradas**
- **13 estados**
- **50 plataformas**
- **18 terminais**
- **11 refinarias**
- **20 unidades operacionais e 3 bases administrativas**
- **20 mil petroleiros mobilizados**

PRIVATIZAR É GÁS E GASOLINA MAIS CAROS

Petroleiros vendem gás mais barato e lançam desafio a Bolsonaro

Em meio à greve, Bolsonaro resolveu fazer populismo e afirmou que tiraria os impostos federais sobre o combustível se os governadores fizessem o mesmo. Trata-se de uma bravata para tentar esconder o verdadeiro motivo da alta nos preços do diesel, da gasolina e do gás de cozinha: a privatização e a política de preços que rendem bilhões aos grandes acionistas estrangeiros.

Diante disso, os petroleiros lançaram um desafio a Bolsonaro. Numa carta aberta, exigiram o fim da política de preços. “Se o senhor está realmente comprometido com a baixa dos preços dos combustíveis ‘na bomba do posto’ ou no preço do botijão – que afeta ainda o preço de diversos produtos, como os alimentos –, o senhor deveria mudar a política da paridade de preços da Petrobras”, afirma a carta.

Os petroleiros também denunciam a política antinacional e privatista que faz o país retroceder à condição de exportador de matéria-prima e importador de produto processado: “Cada vez mais, vendemos o petróleo bruto para o exterior para depois importar mais caro os derivados do petróleo, quando poderíamos produzi-los aqui no Brasil a um preço bem mais barato.”

Para mostrar à população na prática o quão abusiva é a política de preços da Petrobras, petroleiros de várias partes do país venderam gás de cozinha ao preço que ele deveria custar se não fosse cotado em dólar. Botijões foram vendidos a R$ 40, metade do preço médio do mercado.

BRASIL DE LUTAS

Unificar as lutas!

O ano de 2020 já começou com uma forte greve nacional dos petroleiros. Várias outras categorias também estão mobilizadas, tanto nos estados quanto em nível nacional. Em Pernambuco, por exemplo, auxiliares e técnicos de enfermagem estão parados há 14 dias. Uma greve dos servidores do Dataprev (Empresa de Tecnologia e Informações da Previdência Social) conseguiu suspender 500 demissões, mas a categoria continua em estado de paralisação.

Categorias de peso se preparam para cruzar os braços, como os trabalhadores dos Correios, que decidiram parar no dia 3 de março. Já o último congresso do Andes (Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior) aprovou o chamado à construção de uma greve nacional do serviço público federal para o dia 18 de março, data já indicada pelo Fórum Nacional das Entidades dos Servidores Públicos Federais (Fonasefe).

O Carnaval tende a elevar o tom contra o governo e seus ataques. O 8 de Março, Dia Internacional de Luta da Mulher, por sua vez, pode ajudar a confluir as lutas para o dia 18. É preciso, como em 2019, alavancar um processo que tome as ruas e recoloque a necessidade de uma greve geral, possibilitando um plano de lutas para derrotar o plano entreguista e de destruição dos serviços públicos. É preciso travar uma forte luta que tenha como alvo também a MP 905 que retira direitos trabalhistas, a reforma administrativa, a devastação ambiental e o genocídio indígena e da juventude negra.

Governo entrega Petrobras e você paga por isso na gasolina e no gás de cozinha

Desde o dia 1º de fevereiro, os petroleiros fazem uma forte greve contra os planos do governo Bolsonaro de fatiar e vender a Petrobras, além de uma série de ataques contra os direitos da categoria. A greve foi deflagrada após o anúncio da venda da Fábrica de Fertilizantes de Araucária (PR), a Fafen, com a demissão de mil de seus trabalhadores.

DA REDAÇÃO

O que está por trás dessa greve não é só uma reivindicação corporativa dos petroleiros, mas a resistência a um plano de privatização e entrega do patrimônio nacional ao grande capital estrangeiro e a uma política que hoje já privilegia os banqueiros e os megainvestidores que lucram com os altos preços cobrados pelo combustível e pelo gás de cozinha aqui no Brasil.

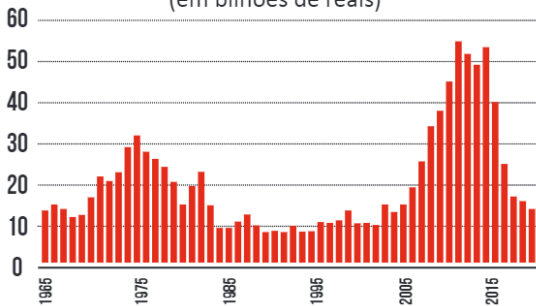
Saiba por que, embora o país seja um dos maiores produtores de petróleo do mundo, com uma empresa líder em tecnologia de exploração, pagamos tão caro pela gasolina e pelo gás e qual a razão para o governo Bolsonaro entregar tudo isso às grandes empresas, principalmente dos Estados Unidos.

DESINVESTIMENTO

Um plano para quebrar e privatizar a empresa

A Petrobras é uma empresa construída e desenvolvida por décadas por meio de investimentos públicos. Hoje ela é a empresa mais eficiente do mundo na extração em águas profundas, tendo desenvolvido a tecnologia para explorar petróleo a uma profundidade de 7 mil metros. Isso só foi possível com o investimento de bilhões pelo Estado, e foi o que possibilitou a descoberta do pré-sal.

No pré-sal brasileiros, existe cerca de 200 bilhões de barris de óleo. Com isso, o Brasil passa a ser a terceira maior reserva do mundo, atrás somente da Venezuela e da Arábia Saudita. A entrega dessas reservas às multinacionais petroleiras estabelece a seguinte divisão de tarefas: o Estado arca com investimentos de décadas em pesquisa, e as grandes empresas do setor só chegam para explorar o petróleo e ficar com os lucros.

A Petrobras representa sozinha 6,5% do Produto Interno Bruto (PIB), a soma de todas as riquezas produzidas no país. Todo o ramo do petróleo chega a 13% do PIB. Ela pagou R$ 182 bilhões em impostos só em 2018, R$ 32 bilhões em salários e R$ 93 bilhões a bancos, empresários e acionistas.

O objetivo de Trump, que tem Bolsonaro como funcionário, é destruir e saquear uma empresa que pode impulsionar o desenvolvimento do país. Por isso, os governos reduziram de forma drástica os investimentos na Petrobras. De uma média anual de US$ 50 bilhões, caíram para US$ 13 bilhões em 2018, ajudando a aprofundar a crise da indústria e acabando com 2,5 milhões de empregos só na indústria petroquímica.

Fonte: AEPET. Em http://www.aepet.org.br/w3/index.php/conteudo-geral/item/2449-velocidade-da-producao-do-pre-sal-e-capacidade-de-investimento-da-petrobras

EXPLORAÇÃO

Demissões e aumento da exploração é igual a mais mortes

Entre 2013 e 2019, foram demitidos 23 mil trabalhadores diretos e 248 mil terceirizados da Petrobras. Ao todo, foram 270 mil funcionários, o que corresponde a 60% da mão de obra da empresa. Essa exploração dos petroleiros diretos e terceirizados matou mais de um petroleiro por mês nos últimos 23 anos em acidentes de trabalho. Entre 1995 e 2018, morreram 357 operários nas instalações da estatal.

A direção da empresa não quer repor a perda inflacionária e prepara o caminho para a privatização com rebaixamento salarial e fechamento de unidades, obrigando uma parte dos trabalhadores a mudar de cidade, desestruturando as famílias.

PETROBRAS EM NÚMEROS

- **7 mil** poços
- **130** plataformas e sondas
- **9 mil** quilômetros de gasoduto
- **166** navios próprios e fretados
- **47** terminais de armazenamento
- **14** refinarias
- **7 mil** postos de abastecimento
- **23** unidades de processamento de gás
- **20** usinas termelétricas
- **3** fábricas de fertilizantes
- **5** unidades de produção de biodiesel
- Participação em **5 empresas** petroquímicas

PETRÓLEO E O PIB BRASILEIRO

Fatia corresponte à contribuição da Petrobras ao PIB

6,5% SOMENTE A PETROBRÁS

13% SE CONSIDERADA TODA A RIQUEZA GERADA PELO PETRÓLEO

UMA EMPRESA VITAL PARA O PAÍS

NAS MÃOS DE TRUMP

Nas mãos dos grandes acionistas estrangeiros

Os donos da Petrobras são grandes acionistas privados, em sua maioria estrangeiros que detêm 57% do total do capital social, enquanto a União possui só 43%. Esses grandes acionistas são o BNY Mellon, BNP Paribas, Credit Suisse, Citibank, HSBC, JP Morgan, Santander e Black Rock. Estes, por sua vez, são controlados pelas famílias Rockfeller e Rothschild, as duas famílias mais ricas do capitalismo mundial.

As multinacionais do petróleo também já detêm 27% da produção no Brasil. Após os sete leilões realizados de 2013 até agora na área do pré-sal e da cessão onerosa, a Petrobras ficou com 36% da área arrematada, enquanto as multinacionais ficaram com o restante. Assim, a maior parte da riqueza do pré-sal está indo para o capital internacional.

Enquanto não entrega por completo o controle da Petrobras para o capital estrangeiro, o governo Bolsonaro, Guedes e o presidente da estatal, Castello Branco, querem transformar a empresa que hoje domina todo o circuito produtivo do petróleo numa empresa exclusivamente exportadora de óleo cru e importadora de derivados.

Isso representa um salto do Brasil para trás em direção à condição de colônia, reafirmando o seu papel de mero fornecedor de matéria-prima e importador de produtos com maior valor agregado.

Petrobras dá lucro

Para entregar a Petrobras, o governo mente afirmando que ela dá prejuízo e é ineficiente. Duas grandes mentiras, já que a estatal tem cerca de R$ 100 bilhões de lucro por ano e uma das mais altas produtividades do mundo, como mostra o gráfico.

FONTE: Petrobras

O CAMINHO DO PETRÓLEO: DO POÇO AO POSTO

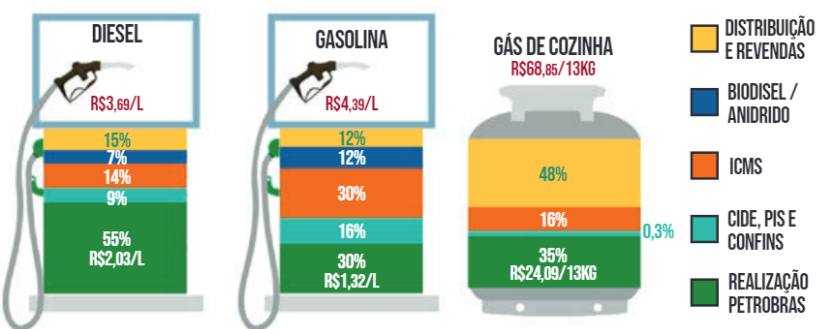
GÁS E COMBUSTÍVEIS

É possível baratear o preço pela metade

Você sabia que o botijão do gás de cozinha custa R$ 24 para a Petrobras? Mas é vendido à população por R$ 70 ou mais dependendo da região. Já o diesel tem um custo de produção de menos de R$ 1 por litro, mas é vendido pelo dobro desse preço. A gasolina, por sua vez, sai das refinarias a R$ 1,12, mas chega na bomba custando quase R$ 5.

Para onde vai esse dinheiro a mais? Para a Petrobras que não é, já que o governo vem desmantelando a estatal, vendendo-a em fatias e reduzindo custo com funcionários. Vai para o bolso de meia dúzia de grandes investidores que têm a maior parte das ações da empresa e dos megaempresários que controlam as distribuidoras.

Os altos preços do gás e do combustível são reflexo direto da privatização da Petrobras já que, para lucrar mais, ela vende a gasolina e o diesel ancorados no preço internacional do petróleo. Ou seja, pagamos aqui o preço do combustível cotado na bolsa de Nova Iorque em dólar. Por isso temos o diesel mais caro entre os países produtores.

COMPOSIÇÃO DE PREÇOS DOS COMBUSTÍVEIS

2.Média de 13 capitais: RJ, SP, PR, MG, DF, GO, BA, PE, CE, PA, RS, MS, ES.
3.Elaboração a partir de dados da ANP e CEPEA/USP.

Bastava desvincular o preço do diesel e da gasolina do mercado internacional, tirar a parte dos lucros exorbitantes que fica com os megainvestidores da Petrobras e das distribuidoras, e daria para reduzir no mínimo pela metade o que pagamos, e a Petrobras ainda teria lucro para investir.

O PROBLEMA NÃO É O IMPOSTO

Diante do aumento do combustível e do descontentamento crescente dos caminhoneiros, Bolsonaro resolveu fazer uma bravata diante dos governadores: tirem o ICMS da gasolina que eu corto os tributos federais, disse. Foi uma forma de tirar o corpo fora do problema e empurrar a bucha para os governadores. É óbvio que ele não vai cortar imposto nenhum, já que seu governo e Paulo Guedes tratam de arrecadar cada vez mais para pagar a falsa dívida aos banqueiros.

O discurso de Bolsonaro sobre os impostos é uma cortina de fumaça para desviar a atenção do desmonte da estatal e da sua entrega às multinacionais. A única forma de baixar o preço da gasolina e do gás de cozinha é reestatizando. Com uma Petrobras 100% estatal, sob controle dos trabalhadores, daria para vender o gás e o combustível a um preço justo.

QUAL É A SAÍDA

Petrobras 100% estatal e sob controle dos trabalhadores

A privatização da Petrobras não afeta só os petroleiros. É um problema de toda a classe trabalhadora e da população mais pobre. Além de ser um crime contra a soberania nacional, privatização é sinônimo de gasolina e diesel mais caros. A consequência disso é mais inflação não só nos postos, mas em tudo, da tarifa do transporte público aos alimentos.

Para resolver isso, só há um jeito: reestatizando a Petrobras, tomando de volta as ações que estão hoje com meia dúzia de magnatas da Bolsa de Nova Iorque. Contudo, também não pode ser que a estatal seja usada como caixa para a corrupção, como vimos nos governos anteriores. É preciso que ela seja colocada sob o controle dos trabalhadores e que funcione de acordo com os interesses da maioria da população.

ELEIÇÕES 2020

Alternativa Socialista é preciso. “Frente ampla” não é preciso!

MARIÚCHA FONTANA
DA REDAÇÃO

A repercussão da resolução do diretório nacional do PT que incluiu o DEM, o PSDB e partidos do “centrão”, como possíveis aliados nas eleições de 2020 causou indignação nas redes. Provocou também uma declaração de Gleisi Hoffmann, presidente do partido, que acabou reafirmando a tática – apesar de dizer que as alianças serão aprovadas pela executiva.

Essa fórmula já é incorporada pelo PCdoB. O governador do Maranhão, Flávio Dino (PCdoB), tem o DEM na sua base de apoio e iniciativas para ampliar tal frente para as eleições presidenciais.

O PSOL também está envolvido neste processo, embora uma parcela da sua ala esquerda o rejeite. A ampla maioria da sua direção autoriza a realização de conversas com “amplos setores” da oposição a Bolsonaro para formar um amplo arco de alianças que inclui PT, PCdoB, PDT, PSB, Rede, PROS e PPL.

A candidatura de Guilherme Boulos em 2018 assinalava adesão incondicional do PSOL ao PT, o que motivou o MES (uma das correntes da esquerda do PSOL) a dizer que tal candidatura era “um puxadinho do PT”. Dessa vez, até o MES está envolvido nas articulações a favor de uma frente com PT e PCdoB em Porto Alegre. Segundo Roberto Robaina (MES-PSOL), em artigo na revista Movimento, tal frente eleitoral seria uma “necessidade”.

Dirigentes do PT, PCdoB e PSOL se reúnem para discutir eleições municipais

RESPOSTA

Frente ampla eleitoral não é necessidade, é obstáculo

Júlio Flores, do PSTU de Porto Alegre, em artigo de polêmica com Robaina, diz corretamente:

“A aliança com o PT, este partido que governou sob a ordem do capital e do imperialismo e destruiu a principal conquista do proletariado brasileiro na década de 80, a independência de classe, para o MES-PSOL se ‘justifica’ para combater um mal maior: o bolsonarismo. A derrota eleitoral de Bolsonaro seria então a necessidade suprema à qual todas as outras estariam subordinadas. O PSTU é contrário a uma frente eleitoral com o PT e o PCdoB, mas (...) temos acordo com um trecho do artigo de Robaina quando afirma:

“‘É claro que a unidade deve se dar nas lutas e nelas se desenvolver. Deve ser física, quando for preciso. Sobretudo física, porque atualmente temos no país o bolsonarismo, que tem na sua definição essencial a potencialidade de constituir-se como força de ataque físico, violento, às organizações democráticas e às instituições da classe trabalhadora e da esquerda.’

“As afirmações acima, as quais subscrevemos, devem ter consequências políticas. Em nossa opinião a mais importante é que se impõe como uma profunda necessidade que os partidos e organizações da classe trabalhadora construam uma Frente Única para lutar e derrotar Bolsonaro e seu projeto. (...)

“Seria de um sectarismo doentio e criminoso desconsiderar tal necessidade. Ao mesmo tempo, (...) faz-se necessário buscar uma ação comum com as ‘forças democráticas’ contra todo e qualquer retrocesso e/ou ameaça de restrição às liberdades democráticas. (...)

“Somos plenamente conscientes da dificuldade de construir o que em nossa opinião é a necessidade mais profunda do momento: ‘a unidade deve se dar nas lutas e nelas se desenvolver’. Por exemplo, foi impossível construir a unidade na luta contra a reforma da Previdência no Maranhão, pois Flávio Dino, governador do PCdoB, foi quem a impôs com apoio do PCdoB. (...) Já os governadores do PT, além de imporem a reforma em seus estados, se utilizaram da repressão contra professores e servidores públicos.

“Mas exatamente porque essa ‘unidade para desenvol-

ver as lutas' é uma necessidade, aliás, para derrotar Bolsonaro-Mourão e seu projeto já! – e não só em 2022; não nos cansaremos de chamá-la… (…)

"Agora, bem, como a frente eleitoral entre PSOL, PT e PCdoB se posiciona diante da reforma da Previdência dos servidores públicos municipais? Defenderá a anulação da reforma da Previdência realizada pelos governos estaduais?

"Robaina afirma que o programa é um problema menor desta frente, porque ela é uma necessidade. Em nossa opinião, e em que pese todas as dificuldades, a necessidade é a unidade para o 'desenvolvimento das lutas' que podem barrar o projeto de Bolsonaro. Nas eleições, temos um desafio de outro tipo: apresentar um programa que não seja administrar os interesses do capital como fizeram e estão fazendo PT e PCdoB."

Nas eleições, disputa-se projetos políticos. A necessidade é apresentar um programa socialista, ainda mais depois de anos de governo do PT, que propiciou inclusive o fenômeno Bolsonaro. Este programa deve ser alternativo ao projeto antinacional, de guerra social e de barbárie de Bolsonaro, que é o programa da classe dominante. Porém também deve ser alternativo ao projeto do PT. Com diferenças apenas de intensidade, todos que apresentam uma alternativa nos marcos do capitalismo e da ordem vigente acabam cumprindo o papel de ajudar esta classe dominante a governar.

A necessidade estratégica é construir uma Alternativa Socialista. Uma frente de colaboração de classes com programa capitalista nas eleições é um caminho que leva a outra estratégia. É o caminho que o PT trilhou.

CHAMADO AOS LUTADORES

Vamos construir uma Alternativa Socialista

É necessário apresentar um Alternativa Socialista nas eleições, que defenda a independência de classe dos trabalhadores, a necessidade da frente única, a unidade de ação para lutar e um programa de ruptura com o sistema e a ordem vigente para que os trabalhadores, o povo pobre e os oprimidos governem por meio de conselhos populares.

CONGRESSO DO ANDES-SN

Docentes apontam greve e reafirmam filiação à CSP-Conlutas

PAULO BARELA E RAPHAEL FURTADO

Nos dias 4 e 5 de fevereiro, aconteceu em São Paulo o 39º Congresso do Andes-SN (Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior). Foi o maior da história do sindicato. A votação mais importante foi a construção da greve das instituições federais de ensino, aprovada por unanimidade. Também foi destaque a manutenção da filiação do Andes-SN à CSP-Conlutas por ampla maioria dos delegados.

O Congresso aprovou também a solidariedade à heroica greve dos petroleiros, repúdio ao "acordo do século" de Trump, entre outras importantes bandeiras de luta.

Durante os dias do congresso, o Renova-Andes, ligado à CUT e ao PT, dedicou-se a atacar a CSP-Conlutas. Disseram que a central não assimilou a narrativa do golpe, não se integrou à campanha "Lula Livre" e por sua posição "Nem Maduro nem Guaidó" na Venezuela. Segundo eles, isso leva o Andes ao isolamento. Porém é preciso dizer que nem o Andes nem a CSP-Conlutas estão isolados. Ambas entidades cumpriram papel de protagonistas em todas as lutas dos últimos anos, atuando diretamente nas greves gerais, manifestações e protestos ou na solidariedade às lutas dos trabalhadores.

A proposta de desfiliação da CSP-Conlutas foi amplamente rejeitada pelo Congresso. Porém, pressionada pelos setores que querem ver o Andes fora da CSP-Conlutas, a diretoria propôs abrir o debate sobre o balanço da relação da entidade com a central, realizando assembleias sobre o tema e um Conselho do Andes-Sindicato Nacional (Conad) extraordinário no segundo semestre, cujas resoluções seriam encaminhadas ao um novo congresso em 2021.

O que está por trás disso é a ofensiva para desfiliar o Andes da CSP-Conlutas. Na verdade, o centro da polêmica é que a CSP-Conlutas em nenhum momento se rendeu às narrativas petistas e à sua tentativa de volta ao poder aliciando politicamente o movimento sindical. São dois projetos em disputa: um é o da conciliação de classes do PT-CUT e sua aliança ampla com setores burgueses; o outro é o da luta sem tréguas contra os projetos de Bolsonaro-Mourão para derrotá-los agora e construir uma alternativa da classe trabalhadora.

ACORDO DO SÉCULO

Plano de Trump é sepultar a causa palestina

SORAYA MISLEH
DE SÃO PAULO (SP)

"A Palestina não está à venda." Essa é a resposta que ecoa mundo afora à proposta indecente denominada "acordo do século", apresentada ao mundo em 28 de janeiro por Trump. Em meio ao julgamento de seu impeachment no Senado e às primárias nas eleições de novembro, a ação midiática serviu para desviar a atenção de questões internas e explicitou o desprezo do imperialismo pelos palestinos.

Enquanto o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, acusado de corrupção, e seu rival nas eleições sionistas, Benny Gantz, aplaudiam – ao lado dos embaixadores de Omã, Emirados Árabes e Bahrein –, nenhum palestino estava presente.

O plano de Trump tenta sepultar a causa palestina sob a mentira de "última oportunidade de paz e prosperidade". Fruto de um processo que já dura três anos, o "acordo" traz entre as afrontas o "reconhecimento" de Jerusalém como capital indivisível de Israel e de todos os assentamentos ilegais na Cisjordânia, Palestina ocupada em 1967, bem como o aval à anexação do Vale do Jordão por parte de Netanyahu, fundamental para garantir água à sobrevivência palestina. O Estado palestino seria criado em quatro anos, em metade da dita "solução de dois estados" – ou seja, cerca de 11% da Palestina histórica –, além de mais uns 4% no deserto do Sinai, na fronteira entre Gaza e Egito, para implementação de zonas industriais para os palestinos servirem de mão de obra barata.

Esse Estado palestino imaginário seria desmilitarizado, sem controle de fronteiras, aéreo, marítimo ou terrestre, e suas vilas e cidades seriam conectadas por túneis. Receberia US$ 50 bilhões ao longo dos anos para o seu "desenvolvimento". Para sua criação, os palestinos, contudo, teriam que abdicar do "terrorismo" – a palavra mentirosa é digna de mais indignação. Os palestinos não são terroristas. A resistência diante da ocupação criminosa é legítima.

REPÚDIO

Resistência na Palestina

A proposta indecente de Trump tem elevado, nas últimas semanas, a instabilidade no Oriente Médio e no Norte da África, onde levantes e revoluções vêm pipocando nos últimos tempos. Milhares têm repudiado o dito "acordo". O potencial explosivo do plano tem feito com que até mesmo regimes árabes aliados do imperialismo repudiem a proposta. A Liga Árabe, reunida em 1º de fevereiro a pedido da Autoridade Palestina, afirmou que não vai facilitar sua implementação.

Na Palestina ocupada, protestos ocorrem todos os dias. A repressão sionista deixou cinco mortos em apenas dois dias. Desde a noite de 10 de fevereiro, foram presos 16 palestinos pelas forças de ocupação. Bombardeios à faixa de Gaza, bloqueio de acessos na Cisjordânia e recursos integram a ofensiva para tentar minar a resistência que se acentua, diante do apartheid, da colonização e da limpeza étnica que Trump avaliza e Bolsonaro saúda, na contramão do rechaço mundial majoritário.

Solução não virá da ONU

Enquanto os palestinos dão seu sangue pela causa, a Organização das Nações Unidas (ONU) abre debate em seu Conselho de Segurança contra o plano de Trump. Isso é o que busca a Autoridade Palestina, que divulgou a ruptura de relações com Israel e Estados Unidos após a reunião com a Liga Árabe. Algo que essa gerente da ocupação, criada a partir dos desastrosos acordos de Oslo de 1993, sem autonomia e com dependência econômica integral de Israel, não pretende cumprir, pois isso representaria seu fim.

Sua retórica contradiz suas ações: segundo publicações no site de notícias Monitor do Oriente, Mahmoud Abbas, presidente da Autoridade Palestina, tem se reunido com serviços de inteligência sionistas e americanos garantindo que a cooperação de segurança com Israel estaria mantida. Isso implicaria reprimir uma nova intifada (levante popular), a exemplo do que tem feito em relação a qualquer protesto ao longo de sua existência.

Em seu discurso na ONU no dia 11 de fevereiro, Abbas evidencia isso: disse estar pronto a cooperar internacionalmente contra o "terrorismo", reafirmou manter o compromisso com Oslo e o não recurso da "violência" na busca por garantir mais migalhas, retomando o discurso falido em prol de negociações de paz e "dois estados".

É preciso cessar qualquer ilusão. A solução de dois estados está morta. Nada virá da ONU, que em 1947 recomendou a partilha da Palestina e deu sinal verde para a limpeza étnica sionista deliberada que se seguiu. É urgente desmontar a farsa das negociações de paz e lutar por justiça para a totalidade do povo palestino. É preciso fortalecer a solidariedade internacional entre oprimidos e explorados – levantar a bandeira do BDS (boicote, desinvestimento e sanções) a Israel, abraçar a resistência palestina heroica e histórica. Em lugar do "acordo do século", é preciso lutar por uma Palestina laica, livre, democrática, não racista, do rio ao mar, com direitos iguais a todos e todas que queiram viver em paz e com o retorno dos milhões de refugiados para suas terras.

CORONAVÍRUS

Por que o mundo está ameaçado por uma nova pandemia?

DA REDAÇÃO

Enquanto fechávamos esta edição, o novo coronavírus (conhecido como nCoV-2019) começava a espalhar-se pelo mundo. Os dados mais recentes indicavam que a China (país de origem do vírus) tem 909 mortes por coronavírus e 40.235 casos confirmados de acordo com o balanço do governo chinês. Outros 319 casos foram confirmados em 24 países segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). No Brasil, há 11 casos suspeitos e nenhum confirmado até o último dia 10.

A doença se caracteriza pela transmissão entre seres humanos e um período de incubação de cerca de duas semanas antes de se manifestar. Assim, a infecção provavelmente continuará espalhando-se pelo mundo.

A taxa de mortalidade é baixa, de cerca de 2%, mas há motivos para se preocupar. A doença se espalha rápido. O primeiro alerta da infecção foi em 31 de dezembro, há pouco mais de um mês. *"A baixa mortalidade em um grande número de infecções pode causar um grande número de mortes. Se quatro bilhões de pessoas fossem infectadas a uma taxa de mortalidade de apenas 2% – uma taxa de mortalidade menor que a metade da taxa da pandemia de influenza de 1918 – oitenta milhões de pessoas seriam mortas"*, explicou em recente artigo o economista Michael Roberts.

O pior é que uma vacina não estaria disponível tão cedo. *"Mesmo uma pesquisa acelerada levará, na melhor das hipóteses, três meses para produzir uma vacina para nCoV-2019, supondo que ela funcione. Os cientistas produziram com sucesso uma vacina contra a gripe aviária H5N2 somente após o término do surto nos EUA"*, escreve Roberts.

É exatamente por esses motivos que muitos cientistas e autoridades da saúde pública veem com preocupação a proliferação do novo vírus.

ORIGEM DO VÍRUS

A causa do novo surto é supostamente a existência de feiras para animais exóticos em Wuhan, mas também pode ser devido à agricultura industrial de suínos em toda a China. *"Mas, qualquer que seja a fonte específica do nCoV-2019, há uma causa estrutural subjacente: a pressão da lei do valor sobre a agricultura industrial e a mercantilização dos recursos naturais"*, explica Roberts. Segundo ele, a "comoditi-

zido o limiar ecossistêmico a tal ponto que nenhuma intervenção de emergência pode fazer um surto ser reduzido o suficiente para se autoesgotar".

DESASTRE ECOLÓGICO

Já se sabe há algum tempo que a destruição das florestas para a implementação de monocultivos intensivos permite a pro-

Esse argumento também é lembrado por Roberts: *"À medida que a natureza é desfeita lugar a lugar, espécie por espécie, o que sobra torna-se muito mais valioso. Enquanto isso, a expansão de fazendas industriais pode forçar as empresas de alimentos silvestres cada vez mais capitalizadas a penetrar mais fundo na floresta, aumentando a probabilidade de seus trabalhadores contraírem um novo patógeno."*

Com as amplas queimadas que aumentam nas florestas tropicais da região amazônica, assim como em partes da África e do sudeste asiático, especialistas expressam preocupação quanto à saúde de quem vive às margens do desmatamento. Eles também temem que as florestas do nosso planeta deem origem à próxima pandemia.

"O que está claro é que a busca interminável do lucro pelo capital e a lei do valor exercem um poder destrutivo não apenas pela exploração do trabalho, mas também pela degradação da natureza. Mas a natureza reage periodicamente de maneira mortal", explica Roberts.

DIGA NÃO

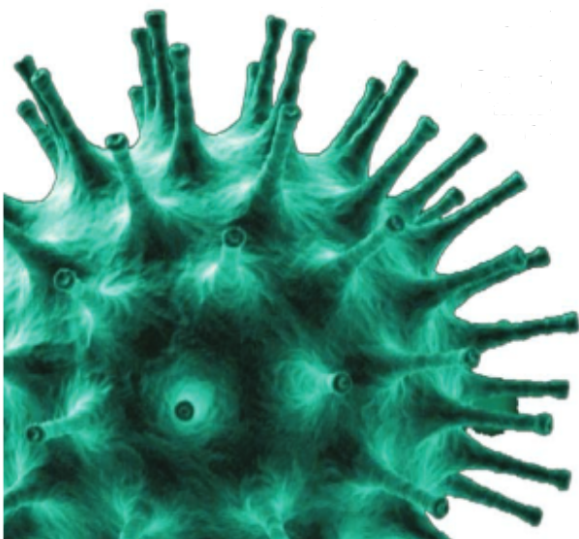
O racismo contra chineses e asiáticos

O medo do vírus e sua ligação à China fizeram com que as hostilidades contra asiáticos aumentassem por todo o mundo. Na França, há campanhas contra a discriminação de asiáticos em espaços públicos. Na Rússia, o vice-presidente da associação de médicos do país disse que os chineses "têm mais predisposição a esse tipo de doenças". Por aqui, espalham-se fake news promovidas por algumas igrejas e apoiadores de Bolsonaro dizendo que os chineses estão amaldiçoados.

Essas campanhas racistas servem para dividir os trabalhadores e esconder os verdadeiros problemas causados pelo capitalismo: a destruição ambiental que facilita a proliferação do vírus e a ausência de um sistema de saúde pública eficaz para combater a epidemia.

LEIA O ARTIGO COMPLETO EM:

CORONAVÍRUS: A NATUREZA REVIDA

HTTPS://BIT.LY/2UROSOJ

8 DE MARÇO

Chega de violência! Por emprego, salário e direitos

ÉRIKA ANDREASSY E MARCELA AZEVEDO, DA SECRETARIA NACIONAL DE MULHERES

O ano mal começou, e a violência contra as mulheres bate recorde. Somente no Rio Grande do Sul, foram dez feminicídios no mês de janeiro. Em todo o país, as denúncias de assassinatos e tentativas de assassinatos de mulheres triplicaram em 2019. Também cresceram os casos de estupro e agressão, incluindo agressão lgbtfóbica e transfóbica. As mulheres negras são as principais vítimas.

Desde que assumiu, Bolsonaro aplica um verdadeiro desmonte das políticas voltadas às mulheres. Os investimentos em serviços de enfrentamento à violência foram reduzidos de forma drástica. O orçamento da Secretaria da Mulher caiu de R$ 119 milhões para R$ 5,3 milhões entre 2015 e 2019, sendo que os recursos da rede Casas da Mulher Brasileira foram praticamente zerados. Para efeito de comparação, em 2019 o governo federal gastou R$ 14,5 milhões com cartões corporativos, quase três vezes mais do que com o combate à violência contra as mulheres.

ABSTINÊNCIA SEXUAL

O governo diz que a violência é um problema de postura, mas o comportamento machista de Bolsonaro serve de incentivo para a violência contra as mulheres. A ministra Damares Alves, em acordo com o projeto de Bolsonaro, faz coro com a irresponsabilidade do governo com a vida das mulheres.

A campanha de abstinência sexual na adolescência, além de reproduzir um discurso moralista, nega-se a garantir informação e educação sexual a milhares de jovens. Além disso, despreza o fato de que 54% das vítimas de abuso sexual no Brasil são meninas menores de 13 anos.

MAIOR DESIGUALDADE

Retirada de direitos também é violência contra a mulher trabalhadora

O governo continua aprofundando os ataques aos direitos trabalhistas e às liberdades democráticas. A reforma da Previdência vai colocar as mulheres trabalhadoras numa condição de maior desigualdade e vulnerabilidade. A crise do INSS tem deixado milhares de mulheres sem acesso ao salário maternidade. A carteira verde e amarela, que rebaixa os trabalhadores à condição de semiescravidão, afetará mais ainda as mulheres trabalhadoras que já sofrem com a desigualdade no mercado de trabalho.

Bolsonaro tem comemorado a criação de empregos por seu governo, mas, diferentemente do que dizem suas pesquisas encomendadas, o desemprego continua em alta, e os empregos gerados são precarizados e insuficientes para responder à crise. Cada vez mais pessoas vivem na rua, e a sensação de empobrecimento cresce a cada dia.

OUTRAS REFORMAS DA PREVIDÊNCIA

Os governos estaduais seguem o mesmo caminho de Bolsonaro. Aplicam reformas previdenciárias tão ou mais nefastas que a do presidente. Os projetos estão sendo encaminhados até por governantes de partidos que se dizem de oposição. É o caso de Rui Costa, na Bahia, e de Fátima Bezerra, do Rio Grande do Norte, ambos do PT. Essa última, mesmo sendo mulher, não hesita em promover mais essa violência contra as mulheres do seu estado.

O discurso do ex-presidente Lula, apontado como a grande alternativa de enfrentamento a Bolsonaro por grande parte dos movimentos sociais, é de que devemos deixar Bolsonaro acabar seu mandato e torcer para que faça um bom trabalho. Ou seja, cruzar os braços e deixar que destrua nossos direitos e entregue toda nossa riqueza para os Estados Unidos.

GREVE INTERNACIONAL DE MULHERES

Todas às ruas no 8 de Março

Tudo isso demonstra que não é possível reduzir a violência machista nem melhorar a condição de vida das mulheres trabalhadoras sem derrotar o governo Bolsonaro-Mourão-Damares. Seu projeto de semiescravidão ataca nossos direitos e aprofunda a dependência econômica do país por meio da entrega de nossas riquezas ao imperialismo estadunidense. Além disso seu discurso machista, racista e lgbtfóbico serve de incentivo para o aumento da violência contra os setores oprimidos, dividindo a classe e colocando trabalhadores uns contra os outros, como homens contra mulheres, brancos contra negros, nativos contra imigrantes etc.

O 8 de Março deve servir como alavanca para novos processos de luta como os que estão se dando agora com a greve de petroleiros e de outras categorias para derrotar Bolsonaro-Mourão e seu projeto. Em vários países, as mulheres estão à frente das lutas da classe trabalhadora contra os governos burgueses e seus ataques, como as mulheres chilenas, que são hoje um exemplo na revolução, colocando-se na linha de frente contra o exército assassino do presidente Sebastián Piñera. Nesse 8 de Março, a greve internacional de mulheres será mais uma demonstração da disposição de luta, do poder de organização e da solidariedade internacional.

mural

VIVE DE CAMBALACHO

Guedes é o verdadeiro Parasita

O ministro da Economia, Paulo Guedes, chamou os servidores públicos de "parasitas" durante uma palestra na Fundação Getúlio Vargas (FGV) no dia 7 de fevereiro, no Rio de Janeiro. "O governo está quebrado, gasta 90% da receita com salário e é obrigado a dar aumento", afirmou o ministro-banqueiro ao atacar o reajuste da inflação à categoria.

"O hospedeiro está morrendo, o cara virou um parasita", reafirmou referindo-se aos servidores. A declaração de Guedes é parte de um conjunto de ataques que o governo vai promover contra os servidores para justificar a reforma administrativa.

Na verdade, o ministro-pilantra que é um Parasita com "P" maiúsculo. Guedes é um banqueiro espertalhão que sempre viveu à custa do Estado. Ganhou dinheiro fraudando fundos de investimentos que receberam, entre 2009 e 2013, R$ 1 bilhão de fundos de pensão ligados a empresas públicas.

Sua irmã é vice-presidente da Associação Nacional de Universidades Privadas (Anup). Não por acaso, Guedes defende um programa privatista de distribuição de vouchers (cupons de desconto) para a educação. A ideia é simples: os cupons são distribuídos (financiado pelo dinheiro público, é óbvio) para que os alunos possam pagar mensalidades nas escolas privadas. Nessa jogada, só quem ganha é o dono da escola, a irmã de Guedes e o próprio ministro-Parasita que vai faturar algum dindin.

Guedes e seus amigos banqueiros são os verdadeiros parasitas que sugam o Orçamento público. Apesar da crise e do desemprego, essa turma continua lucrando bilhões. Quase metade do Orçamento público vai para o pagamento de juros da dívida pública todo ano, engordando o bolso desses parasitas. Só em 2019, os banqueiros receberam R$ 997 bilhões, o que representa 44% do Orçamento. Para 2020, foram reservados R$ 1,6 trilhões para eles. Atacar servidores com a reforma administrativa é transferir mais dinheiro para essa gente.

PRECONCEITO

Bolsonaro diz que pessoas com HIV são "despesa para o Brasil"

Bolsonaro declarou no dia 5 de fevereiro que pessoas com HIV (vírus da imunodeficiência humana) são uma "despesa para o Brasil". O comentário foi feito enquanto o presidente defendia o projeto da ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves, de abstinência sexual para prevenir a gravidez na adolescência.

A declaração tem um objetivo óbvio: tirar a responsabilidade do Estado com a saúde e reafirmar que essa área social não é sua prioridade. Também fortalece o preconceito contra as pessoas soropositivas, uma das maiores barreiras no combate ao HIV. As pessoas soropositivas sofrem preconceito na escola, na família, no local de trabalho. Têm dificuldade de se relacionar afetivamente, são tachadas de promíscuas e são mais propícias a cometer suicídio.

De acordo com o Ministério da Saúde, a situação de infecção por HIV no Brasil é mais preocupante entre jovens. Dos casos de infecção pelo vírus, 52,7% são pessoas com idade entre 20 e 34 anos. Estima-se que atualmente cerca de 866 mil pessoas vivem com HIV no país.

OLHA A ÁGUA

Governador do Maranhão diz que paga R$ 6 mil a professores

Circula pelas redes sociais uma fake news que induz as pessoas a acreditarem que Flávio Dino, governador do Maranhão pelo PCdoB, paga o piso salarial de R$ 6.538,96 aos professores do estado. A notícia viralizou tanto quanto a indignação dos professores da rede pública. E não foi por menos.

De fato, os professores com carga de 40 horas semanais (dedicação exclusiva) recebem uma remuneração inicial correspondente ao valor propagandeado. Porém basta olhar atentamente para a realidade para se dar conta do tamanho da mentira.

Em primeiro lugar, o Maranhão possui cerca de 31 mil professores na rede estadual. Destes, pouco mais de 6 mil, que são professores com carga semanal de 40 horas, recebem remuneração acima de R$ 6 mil, ou seja, cerca de 20% da categoria. Isso obviamente implica dizer que 80% recebem abaixo desse valor.

Em segundo lugar, quando falamos de piso salarial, não estamos falando de remuneração e sim de salário. De acordo com a tabela que Dino vai implantar, os vencimentos desses professores de 40 horas em início de carreira será de apenas R$ 2.886. A outra parte é a Gratificação por Atividade no Magistério (GAM) que pode ser retirada a qualquer momento. No caso dos professores "Classe C", "Referência 6", o vencimento inicial será de apenas R$ 1.443,12. Incluindo a GAM (R$ 1.284,38), chegará a R$ 2.727,50.

Na categoria, existem ainda os professores efetivos que possuem Contrato Especial de Trabalho e recebem apenas R$ 1,6 mil acrescentado aos seus vencimentos. Esses milhares de trabalhadores também não aparecem nessas fake news.

Flávio Dino (PCdoB), governador do Maranhão

CARNAVAL

Neste carnaval, ninguém vai calar a nossa voz

ROBERTO AGUIAR
DE SALVADOR (BA)

Nos últimos anos, aumentaram as críticas e os protestos contra os governantes nas festas de carnaval. Proporcionalmente, aumentou também a repressão policial aos foliões.

Ano passado, em São Paulo, a Defensoria Pública do Estado recebeu dez denúncias de violência policial durante os dias de festas. As intervenções da Polícia Militar espalham violência e demonstram o viés autoritário da polícia, que usa táticas de enfrentamento e de guerra com balas de borracha, bombas de gás lacrimogêneo, agressão contra mulheres e idosos, xingamentos, fratura óssea intencional e humilhações.

Esses métodos violentos já estão sendo usados nas festas pré-carnavalescas. No dia 12 de janeiro, mais de 300 mil pessoas, que brincavam no Bloco da Favorita, na Praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, foram reprimidas com bombas de gás pela PM e pela Guarda Municipal.

No último dia 8, a Tropa de Choque de São Paulo fez uso de bomba de gás lacrimogêneo e balas de borracha para dispersar foliões que se concentravam no Largo da Batata. Em Salvador (BA), um vídeo divulgado nas redes sociais mostra a polícia agredindo um grupo de mulheres no final na festa de Iemanjá, no dia 2.

UM CARNAVAL DE LUTAS

O Carnaval 2020 deve seguir a tendência dos dois anteriores: vai ser politizado. Não terá como silenciar a insatisfação com os governantes e a piora das condições de vida. Estarão presentes nas marchinhas, nos enredos das escolas de samba e nas fantasias dos blocos de rua.

A Estação Primeira de Mangueira, que em 2019 foi a campeã do Carnaval carioca ao celebrar o "país que não está no retrato", este ano vai ocupar a Sapucaí com desfile cheio de referências à atual conjuntura política brasileira. Com o enredo "A verdade vos fará livre", a verde e rosa apresentará Jesus ao lado dos pobres e oprimidos contra intolerância. Vai contar a história de um Jesus Cristo negro e favelado, que sofre com preconceito e intolerância, com uma política de segurança pública de guerra.

A Portela, vai falar sobre os indígenas que habitavam o Rio de Janeiro antes da chegada dos colonizadores portugueses. A crítica social também se faz presente no samba da azul e branco, que afirma que "nossa aldeia não tem bispo, nem se curva a capitão", em referência ao prefeito Marcelo Crivella (PRB) e ao presidente Jair Bolsonaro.

Em Salvador, o bloco As Poderosas, formado por mulheres, vai protestar contra o alto índice de feminicídios, que cresceu quase 33% na Bahia em 2019 segundo dados divulgados pela Secretaria de Segurança Pública da Bahia (SSP-BA). A juventude negra e pobre da periferia vai soltar seu grito de rebeldia atrás do navio pirata da banda Baiana System e no maior arrastão de trio do carnaval de Salvador: a Pipoca do Kannário.

A luta contra a lgbtfobia é o tema do bloco Os Mascarados, puxado pela cantora Margareth Menezes. A pauta do racismo é comandada pelos blocos afro e de afoxé: Ilê Ayê, Olodum, Filhos de Gandhy, Didá Banda Feminina, Muzenza, Malê Debalê e Cortejo Afro. Na segunda-feira de carnaval, os movimentos sociais, sindicatos e partidos políticos invadem o circuito oficial na tradicional Mudança do Garcia, bloco de protesto que resiste desde a ditadura militar.

Palco de protestos

Para o povo pobre e trabalhador, o carnaval sempre foi e sempre será um palco de protesto. Apesar da aparência de ser uma festa livre e democrática, a folia de Momo sempre foi marcada por conflitos de classe. Historicamente, a participação popular foi combatida e reprimida.

Os governantes e a burguesia nunca quiseram o povo pobre, preto e periférico festejando nas ruas. A história de que o carnaval é uma autêntica festa popular brasileira, na qual negros, brancos, índios, ricos e pobres brincam lado a lado em pé de igualdade é parte do mito da democracia racial.

O Carnaval no Brasil nasceu associado a uma festa de brancos, das elites. A forte violência policial que tem marcado os festejos de ruas nos últimos anos tem essa conexão histórica, que ganha mais respaldo em governos autoritários, retrógrados e reacionários como o de Bolsonaro.

As balas de borracha e as bombas de gás não cessarão a insatisfação popular. O ano de 2020 começou com fortes lutas: greve nacional dos petroleiros, dos trabalhadores da Casa da Moeda e da DataPrev, assim como grandes manifestações nos estados contra a reforma da Previdência. Essas mobilizações têm de somar-se à insatisfação popular, transformar o Carnaval no palco das lutas, pois não existe arena melhor para o embate do que as ruas.